

A pregnant woman with long brown hair is shown in profile, sitting on a white cushion. She is wearing a light pink, sleeveless, form-fitting dress with a gathered waist. The background is a soft, out-of-focus beige wall. The title 'Golpe de Amor' is overlaid on the image in a large, elegant script font, with 'GOLPE DE' in a smaller, bold, sans-serif font above it.

GOLPE DE
Amor

ANNE K SILVA

A GOLPE DE
Amor

Anne K Silva

1ª. Edição

Copyright © Anne K Silva

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse

Essa não é a história tradicional de como o amor começou.

Aqui, o pediatra deu um golpe na vendedora de livros e a engravidou.

É sobre Lia Carneiro e como ela se viu presa em uma história de amor leve, bonita e engraçada.



Sumário

[Capítulo 1](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 2](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 3](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 4](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 5](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 6](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 7](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 8](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 9](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 10](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 11](#)

[Lia Carneiro](#)

[Capítulo 12](#)

[Lia Carneiro](#)

[Epílogo](#)

[Lia Carneiro](#)

[Agradecimentos](#)

[Outros Romances da Autora:](#)





Capítulo 1

Lia Carneiro

Quando entramos em um relacionamento passamos a viver um grande clichê.

A gente se apaixona e tudo aquilo que criticamos passa a fazer parte dos nossos planos. Com o coração cheio de amor queremos construir uma vida com a pessoa que está ao nosso lado. Queremos um futuro, uma família. Filhos.

Tudo bem, nem todo mundo começa a pensar assim só porque encontrou o amor da sua vida, mas eu pensei. Conhecer o Levi mudou minha vida. Eu era apenas uma vendedora de livros apaixonada por romances, e talvez a mudança dos meus planos venham daí. Afinal, eu, Lia Carneiro, vivia dizendo que filhos era algo para um futuro distante e que nem mesmo um homem completamente apaixonado me faria mudar de ideia.

Então Levi chegou, arrebatou meu coração, acendeu todo meu corpo e eu esqueci que embora a corrida seja complicada, sempre há chance de um espermatozoide esperto chegar a um óvulo sacana.

E agora... Bum!

Há um bebê dentro de mim.

Mas eu falei que meus planos mudaram, certo?

Pois é, quando Levi me conquistou com aquele jeito conquistador

barato dele tudo em mim mudou. Ele era bonito, inteligente, simpático, tão educado que meu útero coçou apenas pelo modo como se dirigiu a mim. Eu devia ter desconfiado dele quando pediu um livro sobre crianças.

Que homem entra em uma livraria e pede um livro sobre crianças? Nenhum que eu tivesse conhecido antes, mas então Levi chegou.

Em nosso primeiro encontro descobri o porquê. O maldito disse em tom amoroso: sou pediatra. E eu me derreti.

Eu me derreti, porra!

O primeiro encontro levou ao segundo que levou ao terceiro e assim sucessivamente. Em todos conversávamos como se fôssemos melhores amigos. A minha alma reconheceu a de Levi e lá no décimo encontro onde já não aguentávamos mais nem nos olhar, transamos.

Falei que ele acendeu meu corpo, não foi? Que homem. Um toque dele e minha pele arrepiava, minha calcinha molhava e eu ficava pronta para dar a ele quando e como quisesse.

Levi foi o único a fazer com que me sentisse assim. Ele arrebatou meu coração, acendeu meu corpo, roubou minha alma e me fez gritar como nunca.

Depois disso não paramos.

Levi, o pediatra sacana chegou em meu trabalho e me pediu um livro chamado "aceita namorar comigo?". Segundo ele, o livro era um presente para a namorada.

O olhei tão cheia de ódio por me fazer ser amante e me tornar uma pessoa suja que ele recuou dois passos.

Lembro que perguntei qual autor do livro, já que eu, leitora voraz,

perseguidora de autoras nas redes sociais nunca ouvi falar daquele título.

O espartinho voltou a se aproximar e soltou:

— O autor se chama Levi Costa. A personagem principal se chama Lia Carneiro e embora seja maluco, eles ainda vão construir todo o enredo dessa história.

Voltei a olhar Levi, agora surpresa. Ele queria uma resposta e eu estava em choque. Um médico lindo e gostoso queria namorar comigo, a vendedora de livros gostosa. Porque sim, eu sou gostosa.

Saí do balcão separado para as buscas de livros e parei a sua frente. Sorri. Eu estava apaixonada.

— Eu aceito construir essa história, Levi. — disse e o beijei apaixonadamente.

Todos os meus colegas bateram palmas empolgados, até que minha gerente nos parou.

— Que lindo, aceitou o pedido, agora volta ao trabalho, Lia. — pediu sem um pinguinho de humor. Já Levi, me olhou sorrindo.

— Pedido nenhum pouco romântico, eu quase te matei. E não tenho direito a cela especial, já que segundo minha mãe estraguei tudo ficando presa em uma livraria. — falo zombando um pouco de nós, de nossas “diferenças”.

— Achei que por ler romance você seria mais doce, amor. — brinca me fazendo sorrir.

— Vendemos romance, mas nem sempre há romance por aqui. Se prepare para conhecer minha mãe. Já posso dizer que te amo?

— Se você sentir que me ama pode. — responde.

— Eu te amo. Agora eu realmente preciso voltar a trabalhar.

— Escolhi um dia ruim.

— É, se tivesse pedido a noite estaríamos juntos na sua cama enorme. — falo tentando provocá-lo.

— Lia, o caixa. — minha chefe volta a me chamar e faço uma careta horrorosa. Levi sorri. Rouba um beijinho e então de vai.

Foi assim que meu casinho virou namoro.

Suspiro, volto para a livraria e nada mais importa.

Mas isso também não importa aqui, afinal, essa história não é sobre como um médico gostoso se apaixonou por uma vendedora de livros gostosa, não é?

É sobre como ele a engravidou.





Capítulo 2

Lia Carneiro

Contar a dona Claudete que odeia ser chamada assim foi uma loucura, pois uma vendedora de livros não deveria se envolver com um médico bonito. Segundo dona Claudete, é mais fácil uma atendente de livraria se engraçar com o atendente de lanches, do que com um médico. Aliás, o que um médico iria querer com uma simples vendedora de livros?

Segundo a mamãe, um médico gostoso seria areia demais para o meu caminhão. Um caminhão culto e cheios de livros lidos, mas sem faculdade.

Marcamos o jantar, porque sempre precisa rolar jantarzinho, não é? Então ao invés da mamãe ficar quieta, me disse em alto e bom som que Levi estava querendo me usar. Que provavelmente me largaria grávida por aí e nunca mais ouviria falar de uma tal Lia Carneiro.

Resultado? Levi surtou. Disse que minha mãe não me valorizava, que ele não queria me usar, queria me namorar. Acho que nunca esquecerei essa cena. Levi dizendo que eu era uma mulher maravilhosa e que *"a senhora dona Claudete devia admirar a filha que tem."*

Meu namorado, foi posto para fora aos gritos de: *"Claudete é a senhora sua mãe, eu me chamo Cecília."*

Depois disso, tudo piorou. Minha mãe, a louca de dupla personalidade, fazia questão de nos esperar chegar. Era só ouvir o barulho do carro chegando que lá estava ela, lavando a rua às nove, dez da noite. Molhava todo o "carrão" do genro. Levi, educado como sempre foi, fazia

questão de descer do carro para dar um *"boa noite dona Claudete"*. Isso fazia com que fosse embora molhado e ouvindo minha mãe gritar: *Meu nome é Cecília seu aproveitador.*

Graças ao relacionamento de dona Cecília, digo, Claudete e Levi, me perguntei se todos éramos loucos ou estávamos apenas descompassados. Muitas vezes, me abri com a mamãe e disse que aquela atitude me fazia questionar se eu estava fazendo a escolha certa.

Minha mãe me disse de forma firme que eu deveria assumir minhas escolhas e tomar um rumo na vida.

Eu tomei.

Cinco meses depois, Levi e eu estávamos em mais um jantarzinho na casa dos meus pais para anunciar as boas novas! Em minha mão direita havia uma aliança de noivado. Em nossa frente uma Cecília brava.

— *Surtou, Lia! Acha mesmo que esse médico safado vai querer se casar com você?*

— *Amo sua filha, dona Claudete.*

— *Cecília. — rebate.*

— *Seu RG diz que é Claudete. — Por que ele não parou?*

— *Mostrou a ele, Lia? Que ótima filha você é.*

— *Pode não gostar de mim, mas poderia tentar ser gentil e educada?*

— *Fora, doutorzinho aproveitador!*

E lá estava Levi sendo mais uma vez expulso da minha casa enquanto eu orava para que ele não desistisse de casar-se comigo.

— *Precisa parar, mãe. Eu o amo. Levi me ama e seremos felizes*

juntos.

— *Ele está te dando um golpe, Lia! Acorda, menina!*

Foi o que tive que ouvir. Na época, que parece mais distante do que realmente é, achei que dona Claudete estava louca. Mas então lembro-me do espermatozoide vencedor e acho que realmente levei um golpe.

O golpe da barriga.

— Amor... Amor... Lia! — A voz forte de Levi me traz de volta a realidade.

Uma realidade onde eu, uma mulher de vinte e quatro anos precisa fugir para estar com o noivo.

— Onde estava?

— Bem aqui. Mas poderia estar no seu quarto, na sua cama.

Levi sorri.

— Quando penso que teremos que enfrentar sua mãe. Ela adora me cansar.

— Ainda bem que me ama. Se sua mãe fosse um por cento do que dona Claudete é, eu já teria te largado.

— Largaria o pai do seu filho?

— Filho não prende ninguém não, Levi. Está doido?

— Já disse que para quem lê romances você é bem ogrinha?

— Chama de ogra, mas me ama.

— É, dá para o gasto.

— Como é que é? — pergunto brava.

— Disse que conquistou meu coração.

— Está pronto para dizer a dona Claudete que ela será avó? — mudo de assunto.

— Nem um pouco.

E se Levi não estava eu também não.

Mas também não deu tempo contar. Minha mãe continuava com o papo de golpe e graças a isso ouvimos durante longos minutos minha mãe dizer que estávamos loucos. Que Levi não tinha cara de quem leva um casamento com uma vendedora de livros a sério. O que ele queria?

— Já pensou se ele pode ser um homem casado querendo desvirtuar você?

— Não sou casado dona Claudete.

— Lia, e se a esposa dele for estéril e ele quiser apenas uma criança? Se te engravidar para realizar o sonho da esposa e sumir com a criança?

— Mãe... — tento puxá-la de volta a realidade.

— Espera, filha. Já vi um caso de um homem que era casado e mentia para noiva, tudo porque a esposa não podia engravidar.

— Ele não é casado. — resmungo e Levi diz que não é a hora.

Existe hora para vencer as teorias malucas da mamãe? Eu acho que não, mas não adiantou. Levi levou tantas porradas com a almofada que vi meu casamento acabar antes mesmo de começar. Depois chorei sozinha. Achando que mais uma vez, tudo estava errado.

Então aceitei.

Levi e eu somos adultos, nos amamos e teremos um filho. Um filho

que minha mãe ainda não sabe da existência, mas quer saber? Dona Claudete, que lute.



— Uma única noite irresponsável e uma responsabilidade de dezoito anos. Bem que a mamãe disse que a única forma de sair por cima na luta contra o espermatozoide vencedor era não transar. — brinco e o vejo sorrir.

— Mas, amor transar é o que nós sempre fazíamos, fazemos e queremos. — Levi fala e me puxa para seus braços.

— E se eu enjoar de você? — pergunto.

— Acho melhor não pensar nisso. Vai que atraí.

— A única coisa que quero atrair é você para mim.

— Já me tem. — responde de forma sensual.

— Adoro um médico galante.

— E eu uma vendedora de livros maluca.

Sorrimos.

Nossas vidas podem ser diferentes, os nossos caminhos poderiam nunca se cruzar, mas o destino nos uniu. E o amor, nos prendeu.





Capítulo 3

Lia Carneiro

~ Meses antes ~

Enjoos, menstruação atrasada, seios sensíveis e sono em excesso. Eu deveria saber que algo não ia bem, mas como toda pessoa que tem medo de mudanças, ignorei os sintomas como se isso mudasse o resultado final. Não mudava e não mudou.

Entenda que mesmo que eu sonhasse com uma família, após conhecer o amor da minha vida, eu não esperava construí-la tão rapidamente. O ápice de toda essa fuga foi quando desmaiei ao atender um cliente da livraria. Os sons se tornaram zumbidos, tudo escureceu e caí como uma fruta que madura demais cai do pé.

Janaina, minha gerente, nenhum pouco romântica jogou-me água no rosto, pegou sem descrição nenhuma meu celular do bolso e tentou falar com minha mãe, depois tentou com meu pai, mas seu Ricardo vive sempre focado nos carros e motos que chegam para consertar. Por último, minha nem tão amada chefe discou para Levi.

— Olá, aqui é Janaina, chefe de Lia. Ela desmaiou no meio da loja e preciso de alguém para acompanhá-la ao médico.

Ela aguarda um pouco, ouvindo o que quer que Levi tenha falado.

— Não sei o que tem, ela apenas caiu dura na frente do cliente.

Silêncio.

— Já acordou, mas está aérea.

Silêncio.

— Claro, aguardaremos ao lado dela até que chegue.

Os minutos se passam até que vejo Levi entrar. Tão bonito.

— O que houve, amor? — pergunta realmente preocupado.

— Acho que... — caio no choro, Janaina se agonia e pede que Levi me leve ao hospital, meu noivo tenta me acalmar e só consigo chorar.

No hospital, o médico me olha num misto de pena, preocupação e cansaço.

— Precisa me dizer algo, Lia. Sente alguma dor? Diga-me o que há de errado. — pede e Levi me olha preocupado.

— Acho que estou grávida. — falo.

— Podemos solicitar um exame, examiná-la. Seu noivo disse que desmaiou, lembra de algo?

— Estava atendendo um cliente, dando suporte na busca por um livro, do nada veio um zumbido, tudo rodou, ficou escuro. Será que a queda machuca o pontinho?

Levi sorri.

— Vou solicitar os exames, chamar o obstetra de plantão e então vemos como está, tudo bem?

Não demora e sou levada para fazer alguns exames. O obstetra confirma minhas suspeitas e indica algumas vitaminas, pede que escolha assim que possível um médico para acompanhar todo a gestação.

Saímos da emergência com a sensação de “puta que alívio não foi

nada” misturada com “que loucura agora somos três”. Levi está tão feliz, estou tão assustada.

— Minha mãe vai enlouquecer. — digo quando estacionamos em frente à minha casa.

Como mamãe não esperava que chegasse mais cedo, não saiu para lavar o asfalto.

— Mais? Não há como sua mãe enlouquecer mais. Achei que mães desejavam sempre os melhores partidos e sou tratado como aproveitador.

— Deveria ser o contrário, não é? Sua família achar que estou dando um golpe, tentar nos afastar. Mas não. Ainda não entendi como um médico bonito como você pode dar um golpe em uma simples atendente de livraria. Você quer livros com descontos pelo resto da vida, não é?

Levi sorri.

— Achei que por ser vendedora você teria ótimos descontos, e como seu futuro marido eu teria muitos livros de presente. Pelo visto me enganei. — brinca.

— Primeiro que o desconto não é tão grande assim, segundo que se houvesse livros quase de graça eu ficaria com todos.

— Que má você é. Conhecimento é poder. E conhecimento deve ser compartilhado. Você traz luz para minha vida. — Levi diz e eu meu derreto!

Há como não querer um futuro com ele?

— Você trouxe um filho para a minha, bobinho.

A gargalhada enche o carro. Respiro fundo.

— Pronto? — pergunto.

— Não, mas precisamos dizer.

— Não é melhor esperar? Uns nove meses, por exemplo? Chegar já com a criança para apresentar? Assim ela não surta. — falo preocupada com a segurança do meu noivo e com meu futuro casamento, ou a falta dele.

— E você planeja esconder o bebê aonde?

— Posso usar roupa larga, virar hippie.

— Podemos até esperar, mas não muito.

— Escolhi esperar.

— Decisão tomada. — fala e sorrio aliviada. Beijo meu médico bonito.

A vida sempre nos dá muitos caminhos, escolhemos os que mais nos convém, os que acreditamos ser o correto, mas todos eles trazem consequências. O que a minha escolha traria a longo prazo eu não sabia, mas hoje, ela me dava paz.

— Já pode descer do carro e entrar Lia. Vai ficar o restante do dia aí?
— A voz de dona Claudete soa brava o que nos leva a sorrir.

— Quando nos casarmos, o porteiro do prédio estará autorizado a sempre que dona Claudete chegar, chamar a polícia.

— Para você ou para ela? — pergunto rindo.

— Para ela.

— Ah, amor. Embora ela seja um pouco maluca, eu a amo e não quero que ela se afaste ou que nos afastemos dela ao nos casarmos.

— Ela é sua mãe e sempre será. É sua família. Não ser aceito gera exclusão, mas nunca destrataria alguém que você ama.

— Você é tão bonito por dentro quanto é por fora.

— Não seria o contrário, amor?

— Provavelmente. Logo vai descobrir que sou ruim de ditados.

— Não quer ir para minha casa? Pega uma roupa e fica comigo?

— Melhor não.

— Então é melhor você descer, a mangueira está sendo ligada. E tudo o que não quero é ter que me preocupar com sua mãe.

— Vou indo.

— Qualquer coisa, jura que me grita? — pergunta preocupado.

— Juro.

— Vai. — pede e desço sorrindo. O sorriso fica até tomar um banho gelado de mangueira.

Minha mãe me olha assustada.

— Desculpa, filha, não percebi que era você.

— Um dia vai torcer para que seja feliz?

— É feliz ao lado dele? — pergunta curiosa. Eu não mostro isso?

— Muito mais do que podia imaginar.

— Como um aproveitador de vendedora de livros pode te fazer feliz?

— Está louca, mamãe? Como um médico se aproveitaria de uma pobre?

— Não sei, ainda não pensei nisso.

— Não pode continuar maltratando-o.

— Não o maltrato, só acho estranho que um médico se relacione com

moças pobres.

— Não me diminua mãe. Ele me ama pelo que sou. Inteligente, bonita, bem humorada. Se continuar com isso, farei as malas e irei embora.

— Ir para onde menina? Toma rumo na vida Lia Carneiro.

— Por que está fazendo isso?

— Acha esse moço um mocinho que saiu de um livro para viver um amor com você. Isso não existe. Vai quebrar a cara. Depois, não diga que não avisei.

— Podia desejar felicidades ao meu relacionamento apenas uma vez?

— Quando o padre finalizar o casamento. Até lá, ele tomará banho de água gelada e se você reclamar, tomará junto.

Subo chateada. Como uma mãe pode pensar assim? Um golpe? Pelo amor de Deus!

— Ah, meu Deus! Estou julgando uma mãe. Desculpe, logo serei uma.

Resmungo baixo, afinal, já posso me ver dizendo que o filho é meu, palpites na criação só aceito os meus. Será que serei uma mãe louca igual a minha é?

Que esse bebê me perdoe e que Deus nos proteja





Capítulo 4

Lia Carneiro

Nove semanas de gestação. Tenho dentro de mim uma cereja. A minha cerejinha. Só de pensar nesse bebê já sinto o coração errar todas as batidas e bater apressado. Ou seja, esse bebê pode me dar um ataque cardíaco antes mesmo de nascer. Um ataque graças ao amor que está nascendo em mim.

Saio da loja em que trabalho e dou de cara com Levi. Ele sempre que pode, me espera sair do trabalho. Acabamos jantamos juntos e ele sempre me leva em casa, para tomar banho de mangueira e água gelada.

Nada mudou.

— Pronta para jantar?

— Claro. Podíamos ir à pizza de seu João, não podíamos? — pergunto e Levi sorri. Acostumei o doutor a comer em uma pizzaria pequena de bairro.

— Sabia que nosso bebê está do tamanho de uma cereja? E que natação pode ser uma boa para grávidas? Acho que devo me matricular.

— Sabia. Esse é um momento importante para a formação de braços e pernas.

— Li no Google que ele começa a se movimentar, mas que não posso sentir. — falo amuada e Levi sorri.

— Também é um momento de seios sensíveis e grandes. Estou

realmente fascinado pelo que a gravidez pode fazer a você.

Sorrio.

— Amo você sabia? E a Cerejinha Carneiro Costa. Péssimo nome filha. Na escola te chamarão de CC.

Levi gargalha.

— E olha, que o bullying está começando por quem deveria te amar.
— falo.

— Amo você, CC. — Levi fala rindo.

Está adorando minhas loucuras que eu sei. Levi é um homem bem humorado. Quando percebo a sorte grande que tive, sinto vontade de agradecer ao universo. Inteligente, bonito, bem humorado e que gosta de ler? Quando eu acharia um homem assim fora dos livros?

Nunca. Talvez seja por isso que dona Claudete vive dizendo que estou no mundo da lua, apaixonadinha por uma ilusão.

Olho Levi estacionar na minha pizzaria favorita e suspiro. Não há nenhuma possibilidade de Levi ser uma ilusão. Ele é tão real, tão humano. O amor que sempre esperei viver. Saber disso me emociona. E os hormônios da gravidez me atacam. Começo a chorar dentro do carro.

Um choro doido, cheio de soluços. Levi se preocupa, insiste em saber se está tudo bem, se quero ir ao hospital, mas eu só consigo chorar e me agarrar a ele. E quando tudo passa, eu apenas o olho apaixonada.

— Eu percebi que você é o grande amor da minha vida.

O sorriso bonito que dá me encanta. Sou puxada para seus braços e sinto o perfume gostoso.

— Você também é o grande amor da minha vida.

— Obrigada pela paciência. Podemos jantar? — A gargalhada toma o carro.

— Vamos jantar, CC. Sua mãe só pensa na pizza do seu João.

— Não chama a Cerejinha de CC. Vai traumatizar.

Não consigo não me apaixonar pelo som forte de sua risada.

O jantar se passa rápido, como todo tempo ao lado dele passa, mas novamente, quando meu médico bonitão me deixa em casa, quando se despede de forma apaixonada de mim, quando carinhosamente se despede de CC entendo que sim. Levi sempre tornará meu dia mais leve. Sempre fará meu coração bater acelerado.

Percebo que Levi é o meu conto de fadas, mesmo que conto de fadas não existam.





Capítulo 5

Lia Carneiro

Já ouviu dizer que algumas pessoas não sabem mentir? Que demonstram demais que há algo errado? Com onze semanas de gravidez passei a ter medo de encarar dona Claudete, afinal, ela sempre dizia que mulheres sempre reconhecem quando outra mente, guarda segredos e estão grávidas. Meu medo dela descobrir era tamanho que passei não a encarar. Eu sei, péssima escolha para quem está mentindo. Mas ela achou que minha "fuga" era por causa de Levi. O que não era uma mentira.

Minhas roupas continuavam escondendo da minha mãe o que eu tanto temia contar. Já podia ver Levi sendo expulso de forma definitiva da minha casa, levando uma surra de vassoura e meu casamento indo por água abaixo.

Eu não queria isso. Embora ele estivesse há várias semanas dizendo que respeita todas as minhas decisões, inclusive a escolha de manter em segredo, eu sabia que também não queria viver esse cenário.

Fujo de casa mais uma vez sem o café da manhã. Não quero passar mal e entregar tudo, graças a isso tenho aproveitado para comer no café em frente à loja.

Em alguns dias Levi me encontra, outros acabo com os desconhecidos que já sabem tanto da minha vida que se tornaram capazes de opinar, pois é, o que o não fazemos no desespero, não é? Levi senta-se ao meu lado de repente, fazendo-me pular de susto, já que não o esperava.

— Está devendo, Lia? — pergunta sorrindo de modo brincalhão.

Que homem bonito!

— Estou devendo a verdade a minha mãe.

— Poderíamos contar. Acho que agora pode ser o momento.

— Ela seria presa, você seria morto e eu estaria viúva antes mesmo do nosso casamento sair.

Levi gargalha. Já disse o quão lindo esse homem fica quando sorri de forma livre e espontânea? Pois ele fica.

— Está frio hoje, não? — mudo de assunto.

— Está. Está bonita nesse casaco de frio do polo norte. — zomba.

— Estou aquecendo Couve Carneiro Costa. Onze semanas, e ainda assim, nosso bebê não se livrou do apelido de CC.

— CC é lindo.

— Fala por você, que nunca ouviu um "bééé" ao ouvir seu nome sendo chamado na escola.

— Mas já ouvi um "frente".

Fico sem entender.

— Costa, amor. — Tenta explicar a piada.

— Era para ter graça? — pergunto séria e ele me puxa para um beijo.

O gosto de chocolate quente em sua boca me faz suspirar.

— Precisamos contar. — fala.

— Ainda não. Viu o que aconteceu quando tentamos. Couve ainda é apenas um bebê desprotegido da loucura da mamãe.

— Coitado do CC. Gostou de ouvir o coração?

— O som mais lindo da minha vida. Não é loucura? Nem o conheço e acho que já é o dono do som mais bonito do mundo.

— Isso se chama amor. E ele te conhece. Conhece o papai. É um pequeno Couve de Bruxelas esperto e amado.

— Couve Carneiro Costa está desejando uma coxinha cheia de frango e catupiry. — falo e o olho.

— Você é uma graça sabia? Esse bebê ainda vai levar a culpa por muitos desejos seus.

— E como sabe se não é ele? Pague-me a coxinha ou seu filho nasceram com rosto de coxinha. Já percebi que o C nos segue? Cerejinha, Couve, Coxinha.

— Um sinal do universo.

— Pare de zombar, Levi. Quero a coxinha.

— Não deve ser de hoje. — resmunga.

— E daí, você não é de hoje e está na minha vida. Anda, Levi.

Insatisfeito, meu noivo pede o salgado e com uma carranca me ver comer de forma apaixonada uma coxinha da noite anterior.

O que amor não faz, não é? Como prova de gratidão e amor, beijo Levi. Quando me separo dele, suspiro.

— Que sorte a minha te ter.

Digo e exibio o sorriso mais doce que eu poderia ter. Doce, até que tudo dentro de mim se embrulha fazendo-me virar e vomitar quase aos pés do meu amor.





Capítulo 6

Lia Carneiro

Há semanas tenho feito mais do que não encarar a minha mãe. Eu fugi. Há dias, muitos dias tenho dormido na casa de Levi. Maçã Carneiro Costa finalmente ganhou outro apelido, ao invés de CC, é agora MC.

Andar, pelo apartamento de Levi e pela livraria se tornou cansativo. MC rouba meu ar alguns vezes tornando difícil respirar fundo. No entanto, agora finalmente pareço uma grávida. Os sintomas chatos já estão passando e embora às vezes andar seja cansativo, a energia voltou.

Levi e eu falamos com MC com tanta frequência que esse bebê já sabe quem é quem. Comecei por acaso, mas Levi disse que ele podia ouvir então não parei. Agora, falamos com MC com muita frequência.

Essa fase da gestação tem me empolgado e quero comprar roupas que mostrem MC, mas para isso, preciso criar vergonha na cara e ir até minha mãe. Escolhemos um restaurante bonito e central para dar a grande novidade a mamãe.

— Acha que ela vem? — pergunto já que Levi e eu chegamos mais cedo.

— Ela virá.

— Se não vir, vai ser a prova de que não nos apoia.

O sorriso contido de Levi diz que ele sempre soube que ela nunca nos

apoiou. Não é estranho? Acho que toda mãe iria desejar o melhor para sua filha e a minha acha que estou escolhendo errado.

Continuamos esperando, até que a vejo. Mamãe segue na frente de modo bravo enquanto meu pai, caminha tentando alcançá-la. Quando nos localiza, caminha até nós. Meu coração bate tão forte, sinto o ar faltar e minha mão suar.

— Finalmente apareceu, Lia Carneiro! — fala ao se sentar.

— Falamos por mensagem todo esses dias. — defendo-me.

— Está sumida porque está com medo de falar comigo, não é? Acha que não a conheço? Sinto muito ser sempre a mãe má e encenqueira, mas a amo. Não precisa fugir de mim.

— Só...

— E outra, Lia, sei que Levi a ama. Sei que se amam. Mas... Só é difícil vê-la sair de casa e ser independente.

— Sinto muito. — digo sem saber exatamente pelo quê.

— Pode contar.

— Estou grávida.

— E acha que não sabia? Engravidei de você, Lia. Sei reconhecer as mudanças. E você? Nunca soube guardar segredos.

— Está chateada?

— No início fiquei. Esperava que fosse alguém...

— Eu sou alguém. — interrompo.

— Que finalmente entrasse na faculdade e quisesse mais da vida do que ler romances.

— Mas eu quero. Só não quero o mesmo que você. Quero trabalhar com livros, seja em uma livraria, uma editora, um sebo, qualquer coisa, porque essa é a minha paixão. Livros.

— Entendo.

— Não entende.

— Mas aceito. E está tudo bem. Também está tudo bem sobre sua gravidez. Pode voltar para casa. — ela me olha séria. — Não quer voltar para casa?

— Quero. Não sei. — confesso.

— Pode voltar para sua casa e marcamos o casamento, amor. O que acha? — Levi pergunta e digo que sim.

— Então me conte, como tem sido?

— CC ganhou um novo nome. Finalmente. Agora é MC e segundo Levi já pode nos ouvir. Estou feliz, empolgada. Os enjoos passaram e as crises de choro também.

— Igualzinha à sua mãe. Chorava como uma bezerra desmamada. — papai diz e sinto Levi travar ao meu lado. Ele quer rir. Eu sei que sim.

O jantar se passa com a promessa de que logo irei para casa. No entanto, deixo para o dia seguinte. No apartamento de Levi, não resisto.

— Amor, já viu bezerra desmamada chorar?

— Vejo uma todo dia.

— O que você falou, Levi?

— Que eu te amo todo os dias.

— Acho bom!

— Eu te amo minha bezerra desmamada chorona, mãe de Maça Carneiro Costa, amor da minha vida.

— Eu te amo.

Posso estar mais sensível e chorona, mas o amo. E amo ter a Maça dentro de mim.





Capítulo 7

Lia Carneiro

Vigésima terceira semana de gravidez e sinto como se a minha vida fosse uma loucura. Há uma beringela dentro de mim. Uma beringela capaz de fazer comer coisas que nunca gostei e de odiar coisas que sempre amei.

Levi tem estado cada vez mais presente, mesmo que dona Claudete continue pegando em seu pé. Alguns banhos voltaram a acontecer, o motivo era a demora. Segundo minha mãe, ficávamos muito dentro do carro, já que estávamos noivos e com um bolo assando no forno que fôssemos namorar dentro de casa.

Entramos, mas só para não poder namorar. Levi me deu um beijo durante toda a noite, e cada vez que insinuávamos nos beijar, dona Claudete, vulgo Cecília, começa a perguntar sobre pediatria, crianças, novelas e acreditem, até meu trabalho. Ela, que detestava minha função, vivia me perguntando sobre as vendas que faço, quais livros estão em alta. Tudo para que os beijos não rolassem soltos.

Entro no apartamento de Levi em um domingo e quase suspiro. Recebo um abraço apertado e um carinho na barriga.

— Estava tão cansada e com tanta saudade. Uma semana sem te beijar parece um ano. — falo.

— Sua mãe sempre tem um plano na manga para nos manter longe.

— Agora diga-me, do que adianta proibir nossos beijos se já temos

Berinjela crescendo dentro de mim? Como ela acha que ele entrou? Por telepatia?

Levi gargalha.

— Você deve ter entrado na livraria me visto e pensado: aquela vendedora gostosa deve ser a mãe do meu filho. Vou seduzi-la quando ela menos esperar haverá uma berinjela dentro dela.

Mais risos ecoa pelo lugar.

— E pior que foi por sem esperar, amor. — fala e me beija.

Que saudade de o beijar.

— Por que parou de me beijar? Estou em abstinência e preciso de muitos deles.

— Porque quero que veja algumas ideias para o quarto de Berinjela.

— Você podia ser um namorado normal e dizer que é estranho chamá-lo dessa forma. Já que ele escuta, deve estar com crise de identidade.

— Amor, você é única.

— Único para mim é você.

— Que doçura. O que deseja hoje? — pergunta zombando, já que sempre o elogio com excesso de açúcar quando quero algo.

— Quero todos os beijos que me impediram de receber, mas já que você quer me mostrar o quarto de Berinjela. — dou de ombros.

— Que tal vermos o tamanho do quarto, algumas ideias que recebi da decoradora e então irmos para o meu quarto.

— Há algo interessante no seu quarto? Porque no de berinjela há.

— Há um noivo que pode te beijar.

— Não sei. Beijo é algo muito comum. — brinco.

— Faço o que quiser, mas para isso precisamos ir logo.

O sigo pelo apartamento. O quarto separado para o bebê é grande. Maior do que meu quarto atual na casa dos meus pais. Bebê privilegiado.

— E aí, o que achou do tamanho?

— Ideal para perdemos ele dentro. Uma hora para achar.

— É grande demais? O outro segue o mesmo padrão. Quando tudo estiver aqui faltará espaço.

— Só uma dúvida, caso encha esse quarto de brinquedos, quem vai limpar?

— Juro que limpo.

— Ah, fala sério. Você não limpa nada. Vai bagunçar tudo. Meu filho será organizado.

— Se puxar a você será tão organizado que se perderá no quarto e realmente, teremos um ano para encontrar a criança.

— Falando assim você está merecendo um banho gelado. Acho que minha mãe pode ajudar.

Sorrimos nos olhando, olhando o quarto. Já posso ver mapas e letras pelas paredes. Algo sobre descobrir o mundo e através de livros.

— Pensei em balões, ursos, talvez alguns animais.

— Se for menina decoro tudo, se for um menino, faz como quiser. O que acha? — pergunto.

Levi aperta minha mão em um acerto silencioso. Coitado, nem sabe que ganharei. Já pesquisei no Google formatos de barrigas de grávidas e fiz

todos aqueles testes que avós faziam. Todos davam menina. Vem uma berinjela aí e Levi nem sabe disso.

Certa de que vou vencer essa, sigo para o quarto do meu noivo. Deito-me em sua cama grande e confortável e sorrio. Por alguns minutos o vejo me olhar. Estou deitada em sua cama o observando parado na porta do quarto. Levi, parado encarando-me como se visse de perto a razão de sua felicidade.

Meu sorriso aumenta quando meu noivo, médico, gostoso resolve entrar no quarto e ir tirando a roupa.

Eu estou no paraíso desde o dia em que saí com ele a primeira vez. Isso eu nunca posso negar.

Abençoado sejam os primeiros encontros.





Capítulo 8

Lia Carneiro

Meus seios estão grandes e parecem que não param de mudar. Segundo Levi, isso não é e nunca será um problema, não imagino o porquê.

Minhas noites se tornaram agitadas, os sonhos me dominam. Eles passam dos mais tranquilos aos mais loucos e intensos, tornando minhas noites inquietas.

A barriga é tocada a cada cinco minutos. Por conhecidos e desconhecidos. Parece que meu bebê assinou um termo de patrimônio público e minha barriga se tornou um bem coletivo. A cada minuto ou hora há alguém querendo tocar, saber se o bebê já se mexe, se já sabemos o sexo ou se já tem um nome.

Entre as muitas indecisões que me acompanham nessa gestação, a maior delas até agora é saber o sexo. Há dias que acordo querendo saber, há dias que não quero. Então novamente, decidido que desejo e logo mudo de ideia. Levi me pediu para tomar uma decisão e focar nela, como se fosse realmente fácil. Não sei se quero saber ou se quero uma surpresa. Mas e se for surpresa e nada combinar?

— É tão difícil escolher. — falo e Levi me olha.

— É só ponderar. Gosta de surpresa? — pergunta como se não soubesse a resposta.

— Não todas.

— Quer montar o quarto específico ou geral?

— Específico. Geral ficará tão frio, como se não fosse realmente dele ou dela.

— Já sabe a resposta.

Volta a focar no livro sobre crianças que foi comprar pela segunda vez.

— Ok. Saberemos.

— Graças a Deus! — resmunga e para irritá-lo passo as pernas inchadas em cima dele e do seu livro.



Uma semana e finalmente descobrimos o sexo do nosso bebê. Há um menino dentro de mim que cresce forte e saudável. Dona Claudete, vulgo mamãe, disse que sempre teve certeza já que segundo ela, meus cabelos estão brilhantes demais, minha barriga está pontuda e meus pés, que ela não tocou estão mais frios.

— Diz isso, mas até hoje de manhã ela pregava que havia uma menina dentro de mim. — falo e Levi sorri.

— Sabia! Devia ter apostado com a vizinha mexeriqueira. — minha mãe fala.

— Só se fosse para perder. — resmungo.

— O que disse, Lia?

— Que iria ganhar fácil essa.

— Claro que sim. Eu já fiquei grávida, sabia? Sei muito bem quando há um menino dentro de uma barriga linda como a sua. Agora, qual o nome do bebê da vovó?

— Couve Carneiro Costa.

— Ainda com isso de checar o tamanho do moleque? Precisa pensar em um nome, de preferência um que não tragam apelidos horrorosos. — diz.

— CC está de volta, filhota? — meu pai pergunta e sorrio.

— Está. Por algum tempo pelo menos.

— Esse bebê nascerá traumatizado. — minha mãe volta a falar.

— Mais do que todos nós, pelo visto. — Volto a resmungar.

Levi não consegue parar de rir. Sei que não faz por mal, eu não resisto e falo besteira e ele paga o pato, já que dona Claudete sempre acha que o pediatra bonitão está zoando com ela. Resultado? Travesseiradas.

Ele até se acostumou. Diz que não liga. Que é uma forma de amor.

Mas a mais linda e intensa forma de amor eu sinto mesmo é quando esse bebê se mostra dentro de mim. Quando isso acontece, sinto que não há intensidade maior do que amar alguém que nunca viu. Sinto que não há amor maior que esse.

Sentir e ouvir o coração desse bebê , é a forma mais linda de amor que eu já pude conhecer.

E também a mais louca.

O que seria da vida sem as pitadas de loucura, não é?

O que seria de mim sem meu CC?

Eu já não sei. E não desejaria saber...





Capítulo 9

Lia Carneiro

Trigésima semana de gravidez. Minha barriga coça, me empanzino de cremes e óleos para não me entregar a coceirinha que surgiu. Ainda tenho que ouvir minha mãe falar que caso não me besunte de creme e óleo ficarei cheia de estrias.

No trabalho, fui colocada apenas no caixa, já que Janaina não queria uma mulher muito grávida andando pela livraria e subindo em escadas para retirar livros do alto. Eu também não subiria. No entanto, ficar tanto tempo sentada tem deixado minhas pernas ainda mais inchadas. Levi tem se mostrado um príncipe. Alguns faz questão de vir me ver apenas para fazer massagens e me trazer comidas gostosas. Como hoje.

Estou diante de uma cesta cheia de frutas e chocolate e creme branco para fondue.

— Está tão lindo que estou com pena de abrir, amor. — falo e Levi me encara sorrindo. Sabe que mesmo achando lindo essa caixa não irá durar duas horas. O que posso fazer? Repolhinho Carneiro Costa desejava algo doce.

— Está bonito e deve estar gostoso. Mas não mais gostoso do que eu. — Levi brinca.

— Às vezes é muito convencido. Quando eu terminar de comer tudo isso estarei do tamanho de uma vaca.

Ele sorri. Meu noivo adora rir de tudo que falo.

— Não estará como uma vaca, estará como a grávida linda e gostosa por quem me apaixonei.

— Não se apaixonou por uma grávida. Você me engravidou para casar comigo, confessa.

— Claro. O que acha que pensei ao entrar na livraria e te ver? Sabia que seria minha.

— Até parece. Tivemos milhares de encontros até finalmente conseguirmos ir para cama. — digo.

— Sexo não é tudo, sabe disso. Eu te amo por quem é.

— Continua me elogiando, o repolhinho está gostando. — falo.

— É a mãe mais indecisa e perfeita que RC terá.

— Não sou indecisa.

— Decidiu sobre o parto? — pergunta.

— Óbvio que não. Ainda não consegui sair da parte em que penso que toda a equipe estará olhando a Joana enquanto o Repolhinho nasce.

— Quem é Joana? — Levi pergunta e sorrio. — Não acredito que deu um nome para sua vagina. E um nome de uma mulher.

— Queria um masculino? Já pensou em dizer, amor vou beijar Carlão? - pergunto e Levi rouba-me um beijo.

Sorri ao sentir o gosto do chocolate em minha boca. Levi é um quase uma formiguinha. Só perde para mim.

— A gravidez te deixou lou... — começa e o olho brava. Cansei de ouvir que a gravidez me deixou surtada. Então se Levi terminar a frase serei

uma grávida, louca e presa. — criativa. Muito criativa, Lia. — Muda e decido perdoar seu erro.

— Amor, você que é médico... preciso amar o parto normal? Para ser uma boa mãe e tudo mais? — pergunto em dúvida. Mamãe já me falou tanto da dor de morte que já estou com medo de parir e deixar o moleque órfão.

— Amor, o parto é opcional...

— Acha mesmo que essa criança vai decidir se quer viver para sempre dentro da minha barriga, no meu útero, empurrando minha bexiga ou se vai nascer? — interrompo-o e Levi sorri.

— Se me deixasse terminar ouviria que o parto é uma opção sua. Natural, cirurgia, em casa, numa banheira, num hospital. Você decide junto com a equipe médica. A mulher decide. De toda forma, parto é mágico.

— Até parece. Já viu vídeos de partos? Mamãe insiste em dizer que é uma "dor de morte", mas que é a coisa mais linda que viverei.

— Esqueça essa associação. Vai trazer para nossos braços o RC. Conheceremos o cheiro, o rosto dele. Tocaremos, ouviremos seu choro. Não dê ouvidos a cobranças e relaxe. Você decide como irá dar à luz.

— Eu realmente gostaria de acreditar nisso, no fim, quem decide é o bebê. Acha que não sei? Isso é louco. Passo nove meses planejando e no fim Repolhinho quem dirá como será.

— As belezas do parto.

— Vai querer ver? Eu acho que não desejo que veja. Já basta toda aquela gente com o rosto bem no meio da Joana esperando Repolhinho sair e então você a olha e nunca mais vai querer transar comigo.

Levi gargalha. O som de sua risada é alto e natural.

— Para Lia. Eu vou querer transar com você por toda a minha vida. Todos os dias. Não vai ser o parto que mudará isso.

— Promete que mesmo que Repolhinho permita que seja um parto natural, não vai colocar seu lindo rosto lá?

— Prometo.

— Nada de sair do meu lado.

— Jamais sairei do seu lado.

— Então vou começar a pensar no parto. — falo como se realmente não pensar no parto fosse uma opção.

Se essa criança entrou, precisará sair.

Eu só espero que saia de forma tão leve como quando entrou.





Capítulo 10

Lia Carneiro

Quem diria que eu ganharia meio quilo em apenas uma semana? Não que ganhar meio quilo seja algo difícil, mas eles não param de chegar. Às vezes pergunto se terei um bebê gigante e como ele irá passar por Joana, apenas para ouvir meu obstetra dizer que meu bebê está no peso ideal. Se ele está no peso ideal eu estou no meu?

Não quero nem pensar em como farei para perder todos os quilos que estou ganhando agora, mas isso não tem importância desde que Abacaxi Carneiro Costa continue ganhando o peso necessário.

Os inchaços continuam, o médico não cansa de dizer que é devido a retenção de líquido. Estou preocupada em não conseguir reter o único líquido que está em minha bexiga. Bateu vontade de fazer xixi já me sinto nervosa. Mamãe dizia que grávidas podem não aguentar e fazer na roupa mesmo, assustando-me ao extremo. O medo foi motivo de debates e mesmo uma fisioterapeuta pélvica me dizendo que não era normal e que eu estava bem o medo me dominava.

Só consigo me imaginar em um jantar desses que às vezes Levi precisa ir e o acompanho. Já vejo a cena, eu, desse tamanho pedindo licença e por favor para ir até o banheiro e no meio do caminho o xixi vazar.

Sempre que entramos na casa de algum amigo médico, rico e metido me pergunto o que pode acontecer se isso acontecer e eu gritar: a bolsa

estourou!

Será que saberão que é xixi?

Às vezes penso tanto nisso que sorrio sozinha. Como agora.

— Está rindo de quê? — Levi pergunta ao estacionar em frente ao jardim grande e exuberante da chefe.

A mulher resolveu fazer um jantar em plena noite de sábado, dia que melhor consigo agarrar meu médico, para falar sobre as novas escolhas de residentes.

— Aposto que esse jantar é apenas para exibir aquela filha peituda e magra dela. Para que veja o que está perdendo. — resmungo.

— Está exagerando. Todos os médicos estarão presentes.

— Promete que se eu fizer xixi na roupa e gritar: a bolsa estourou você vai entrar no clima mesmo que a vaca, digo sua chefe, diga que é xixi?

— Por que pensa isso?

— Porque a mamãe disse que quando estava grávida de mim fez xixi na rua. Eu não quero pagar esse mico.

— Amor, não vai acontecer. Já aconteceu antes?

— Não, mas eu sempre cuido de fazer xixi certinho. Bate a vontade, corro para o banheiro.

— Então relaxa. Mas prometo que se acontecer entro na sua e depois digo que é alarme falso.

— É por isso que te amo.

— Achei que era por eu ser lindo e gostoso e pai do Abacaxi.

— Também. Mas te amo porque sempre me apoia, amo porque até

nas loucuras mais loucas está ao meu lado.

— Pronta?

— Não, mas fazer o quê? Ou marco território ou essa velhinha te casa com a filha dela. Queria dizer que a mulher é sem graça, mas a peituda magricela é gentil e legal demais.

Ouçó a risada de Levi que desce do carro e vem me ajudar a descer. A passos de tartaruga caminhamos para dentro da mansão.

— Velhinhos ricos são esnobes.

— Apenas alguns. — Levi diz e percebo que falei alto.

— Desculpe vou me comportar.

Entramos na casa e sorrio. Como sempre, recebo afagos na barriga, me perguntam quando nasce, se já escolhi o parto. É sempre a mesma coisa, mesmo sendo parentes de médicos.

A sala que a doutora está fazendo me consome. Já fui ao banheiro três vezes. Duas fazer xixi e uma xingar a peste que não serve logo esse jantar dos infernos. Estou quase me levantando para ir uma quarta vez quando a filha dela educadamente pede que ela adiante o jantar, afinal, um bebê precisa estar sempre bem alimentado.

— Que gafe, Brenda. Não sabe que é de mal tom apressar eventos assim? Indelicado é uma grávida vir sabendo que tudo vai demorar. Levi podia ter vindo sozinho. Os residentes são assunto importante.

— Indelicado é esperar a noite inteira para falar de trabalho e nunca ouvir falar dele. — resmungo e sou ouvida por Brenda que me olha sorrindo.

— Vamos jantar, talvez o assunto deva ficar para segunda. Uma reunião no trabalho é melhor.

— E só agora ela percebe? — Volto a resmungar e Levi sorri.

— Prometeu se comportar.

— Mas pelo visto ela não. Não viu quem começou?

— De bezerra desmamada a leiteira. De leiteira a touro bravo. Você é mil personalidades em uma e amo todas elas.

— Percebeu que em todas me chamou de vaca? — pergunto e ele sorri. O safado sorri.

Quando o jantar termina e juro que poderei ir para casa, a velha dos infernos no segura lá.

— Qual a fruta dessa vez? — pergunta com ar superior.

— Abacaxi. — falo sem graça, mas agradecendo a Deus por não ter um abacaxi em minha mão ou ele estaria voando em direção a chefe do meu médico gostoso.

— Descobriram o sexo, mas e o nome? Quando essa criança terá nome?

— Quando escolhermos um. — rebato e Levi suspira.

— Doutora Marlene, agradeço o jantar e a recepção...

— Nada elegante. — murmuro e ele continua.

— Mas precisamos ir. Estou cansado e tenho certeza de que Lia também está.

— Entendo querido. Que homem abençoado você é. Participando de cada etapa. Mas gravidez não é doença. Lia precisa aprender a se virar sozinha. Muitas mulheres passam por tudo isso sozinha.

— Mamãe... — a filha a alerta.

— Sou abençoado por ter a Lia e por ter a sorte de participar de tudo isso. Gravidez não é doença, mas meu papel como pai se inicia antes mesmo desse bebê nascer. Não será apenas o meu nome no registro. Estarei presente em todo momento.

— Boa sorte, querido.

— Até logo. — Se despede e seguimos para fora.

— Se grávidas matarem as chefes do marido, elas serão presas? — pergunto.

— Melhor não pensar em crimes. Estou vendo outras clínicas e hospitais. Marlene está passando dos limites e não há dinheiro no mundo que me faça suportar algo assim.

— Amo meu médico gostoso e consciente. Mas, será que podemos passar no seu João? — peço porque odiei o jantar. Levi, como um bom noivo realiza mais um desejo meu.

E por muito tempo durante nossa noite, quase madrugada, me permito comer algo que realmente gosto.

E assim, comendo em uma pizzaria de bairro, vejo o quanto sou feliz.





Capítulo 11

Lia Carneiro

— Amor, se nos casarmos promete que nunca vamos nos divorciar?
— Levi questiona sentado do outro lado do quarto de Melão Carneiro enquanto dobro mais uma pilha de roupa que ele acabou de passar.

Percebeu que meu filho voltou a se chamar MC? Esse bebê vai chegar ao mundo traumatizado.

— Se nos casarmos? Se eu passar por um parto normal você será obrigado a casar comigo. E que jeito de falar sobre casamento é esse? Falar assim deve até trazer azar. Onde já se viu, se casar já pensando no divórcio. Melhor nem se casar. — rebato voltando a realidade.

— Falei no sentido hipotético de que me escolherá para sempre. — fala e sorri.

Levi adora uma graça.

— Eu te amo, acha mesmo que te largaria? Nunca. E você me deu o golpe da barriga. Colocou um melão dentro de mim. Estamos unidos para sempre.

— Filhos não prendem ninguém. E não coloquei um melão dentro de você. Coloquei outra coisa.

— Que virou um melão, que logo vai passar por Joana e que irá chorar a noite inteira. Será que irá chorar a noite inteira?

— Acho que ele será tranquilo.

— Acho que posso enlouquecer. E se ele não pegar meu peito? E se não gostar de mim? E se ele tiver muitas cólicas?

— Precisa relaxar. Nada disso vai acontecer.

— Mas pode.

— Pode. Mas poder não significa que irá acontecer. Ele terá cólicas claro, mas iremos cuidar dele. Se chorar a noite inteira, nos revezamos. Fizemos juntos, lembra?

— Claro que lembro. Foi bom.

— Então cuidaremos juntos. Se ele não pegar seu peito, damos fórmula.

— Aí serei uma péssima mãe. Nem mamar vou dar.

— Pare de julgar-se. Será uma mãe amorosa, cuidadosa e engraçada. Esse bebê crescerá em um lar leve, cheio de graça e amor.

— Acho que eu te amo mais hoje do que te amava ontem.

Levi sorri, deixa o ferro de lado e caminha até mim. Quando para a minha frente, se abaixa e olho nos meus olhos enquanto segura minhas mãos.

— Eu te amo igual. Sinto que sempre irei te amar mais e mais. Está me dando um presente maravilhoso. E sou grato por isso. Também sou grato por ter encontrado uma mulher leve e engraçada, amorosa e louca e linda.

— Gostosa e inteligente. — falo.

— Exatamente. Agora me diz, como uma mulher como você, seria uma mãe ruim?

— Obrigada. E vamos casar assim que o médico liberar esse

resguardo.

— Caso com você agora se assim desejar.

— Sempre quis uma fuga para Las Vegas, a cidade do pecado. Mas não. Minha mãe merece ver o médico me dando finalmente o golpe.

O sorriso do homem que amo me deixa tranquila. Certa de que estamos no caminho certo.

Durante todos esses meses, Levi esteve ao meu lado. Amando-me, ajudando-me com tudo. Sonhando junto comigo. Isso é mais do que estar no caminho certo. É amor. Segurança. Paz.

E quanta paz há em nós.





Capítulo 12

Lia Carneiro

— Amor, aconteceu. — Aproximo-me de Levi na sala e ele me olha sem entender.

Há cinco semanas me mudei em definitivo para sua casa, que agora é nossa casa com a promessa de nos casarmos em até cinco meses após o bebê nascer.

— O que aconteceu? — pergunta tirando os olhos do livro que está estudando.

— O xixi.

— O que tem o xixi? — questiona ainda sem entender.

— O xixi que a mamãe tanto falava aconteceu e está doendo um pouquinho. — falo. Meu noivo entende o que quero dizer e sorri.

— Sabe que não é xixi, não é? A bolsa estourou. Está pronta para ir para o hospital?

— Se estivesse pronta não estaria dizendo que é xixi. Não estou pronta para esse bebê passar por Joana em frente a uma equipe gigante.

— Vai dar tudo certo.

— Diz isso porque não é você quem vai parir. Vai doer e vai ter gritos e sangue e...

— É um parto ou um filme de terror? — pergunta achando graça.

— Ainda não sei.

— Para de drama e graça Lia. O bebê vai nascer, vai ser um parto tranquilo e rápido.

— Promete?

— Prometo. — jura e confio nele. Acredito em suas palavras como se só isso bastasse.

— Ok.

— Quer ir para o hospital? — pergunta.

— Acho que ainda não.

— Então vamos para o banho.

Levi entra no chuveiro comigo. Logo em seguida coloca a equipe médica de prontidão. A madrugada se passa. Não consigo dormir. Ele também não. As dores não aumentam. São poucas.

Levi não prometeu que seria rápido?

Na metade da manhã, peço para ir ao médico. Já não aguento a demora.

A equipe me recebe prontamente. O médico pergunta o nível das contrações. Ainda tranquilas. Ele sorri calmo, diz que o parto tem seus mistérios e explica que há um tempo certo.

E então acontece, ou eu acho que algo acontece. As dores aumentam, mas após ser examinada, ouço que ainda não chegou a hora.

Se não era hora porque doíam tanto?

Vejo o médico sorrir e leio seus pensamentos. Não vai sair não

doutor!

— Levi, tranca essa porra dessa porta e ninguém sai desse quarto até o bebê nascer. Eu quero que ele nasça agora, por favor. — peço olhando o médico e vejo quando Levi sorri. O MEU NOIVO SORRI.

— Ainda não está na hora, esse quarto não é a sala de parto. Vou checar outra grávida e volto logo. — o médico fala com um total de zero preocupação.

— Se esse bebê nascer quando não estiver aqui, vou processá-lo, doutor. Arrancarei suas cuecas e farei delas um quadro. Direi ao bebê que foram do médico que me abandonou em pleno trabalho de parto.

— Ok, Lia. Volto em cinco minutos.

E se vai. O filho da mãe se vai.

As dores aumentam, choro e sinto vontade de gritar. Olho para Levi. Tão centrado. Encarando-me.

— Agora entendo o que a mamãe quis dizer. Se aproveitou para armar tudo isso para mim.

— Do que está falando?

— Do seu plano para me deixar grávida.

— Não foi proposital.

— Nunca mais vou cair na sua lábia. Nunca mais vou transar com você.

— Amor, a gente vai se casar, acho que isso significa que teremos tanto sexo que outro bebê irá nascer.

Grito com a dor e olho para ele.

— Levi, amorzinho da minha vida, esse bebê nem saiu e já está planejando outro? Quantos golpes quer me dar?

— Só estou dizendo que sexo pode levar a filhos e que se não quer filhos

— É isso. Nosso casamento não terá sexo

As enfermeiras sorriem, Levi sorri, acho que até eu mesma queria sorrir. Mas então eu grito mais forte. O médico safado entra no quarto, olha mais uma vez para Joana e calmante diz que estamos prontos.

— Achei que estava desde a noite passada. — resmungo e sou levada finalmente a sala de parto. Levi fica ao meu lado, segurando minha mão. Como pedi, não ousa checar se o bebê está passando mesmo por Joana.

Grito mais algumas vezes e me questiono se meus ouvidos irão doer depois. Se os meus doerão, imagina o dele? É um longo tempo até que o bebê nasce. Tenho pena Joana que está há tanto tempo a mostra.

Caio para trás cansada. E resmungo.

— Disse que estávamos prontos e mentiu doutor.

O médico sorri, me mostra o bebê. Meu bebê. Fruto do golpe de um médico gostoso em uma vendedora de livros gostosa.

Depois de ser colocada no quarto para repousar, espero que o molequinho seja trazido até mim. Demora até o pequeno e cinza bebê seja trazido até a mamãe curiosa e o pai babão, mas tão bonito quanto um recém-nascido pode ser, ele chega até nós.

Levi e eu estamos sozinhos com ele. Pedimos a todos que aguardem que queríamos um momento só nosso e dele.

— Já pensou no nome? — pergunta.

— Já.

— E vai dizer em algum momento?

— Para de me apressar Levi. Estou admirando a beleza dele.

— É lindo...sua cara.

— Também achei. — falo empolgada.

— Pensei que diria que se parece comigo.

— Ah, não. Isso ia ser muito clichê. Ele é minha cara. Na verdade, ele não se parece com nenhum de nós. Tem certeza de que esse bebê é o nosso?
— pergunto e Levi sorri.

— Absoluta.

— Então em breve saberemos com quem ele se parece.

— Aposto que será com você. — fala.

— Será? Será que puxará a mamãe, Otto? Espero que tenha a educação e gentileza do papai.

— E a graciosidade da mamãe, filho. Olha que lindo nome ela te deu?

— Lindo mesmo. Como ele.

— Nosso pequeno Otto. — Levi fala encarando o bebê.

Admiro-o admirando o filho. É tão lindo. Estamos apaixonados por Otto. Amando-nos com mais intensidade.

— Acho que te amo hoje mais do que te amava ontem. — Levi diz me fazendo sorri de forma apaixonada.

— E eu te amo mais a cada minuto.

— E juntos amamos o Otto.

— Demais. — falo olhando para o bebê em meus braços.

— Pronta para o próximo golpe?

— Pergunte-me em quarenta dias. — brinco, sabendo que sim, logo eu poderia estar pronta para um novo golpe.

Porque amar Levi é algo que eu faço com paixão. E ter filhos com ele... Ah, isso eu posso fazer com prazer.





Epílogo

Lia Carneiro

Cinco meses depois

Respiro fundo pronta para o segundo desafio mais enlouquecedor da minha vida. O primeiro foi a maternidade.

Casar-me é algo louco, sei que nem sempre teremos dias felizes e que haverá brigas, mas sinto-me tão pronta para esse passo. Pronta como nunca achei que estaria. A maternidade é um desafio constante, amar o Otto é o que sei fazer de melhor. Eu daria minha vida por aquele pequeno, e cada sorriso babão que me dá me faz sorrir e chorar de emoção.

Amar Levi é tão tranquilo, recompensador. É como estar nas nuvens, embora eu nunca tenha estado em uma. Desde que Otto nasceu, Levi e eu vivemos juntos, por isso esse momento é mais para oficializar um sonho antigo, para provar a minha mãe que o golpe de Levi deu certo.

Olho para o meu filho vestido com um terno feito especialmente para ele e sorrio. Tão lindo, a cara do pai. E eu jurava que seria parecido comigo. Nem a personalidade puxou a minha. Otto é tão Levi que às vezes me assusta. Espero que o próximo golpe seja ao menos parecido comigo.

Sorrio com o choramingo do meu filho. Acho que algo de mim ele puxou. A impaciência. Por mim, já estaríamos na igreja, mas não. Dona Claudete me fez prometer que daria um chá de cadeira em Levi e o deixaria me esperando. Estamos há quase uma hora, começo a achar que meus pais

não me levarão a igreja. Estou quase pedindo um Uber quando ela aparece e diz que estamos prontos.

Durante o caminho agradeço o vestido que visto ser leve e não tão tradicional, assim consigo amamentar Otto. O percurso não é longo, por isso, logo preciso me recompor. A entrada da igreja pequena está linda, cheia de flores coloridas. De braços dado ao meu pai, respiro fundo e dou os primeiros passos que me unirão para sempre ao homem que amo.

A igreja está lotada me fazendo lembrar o quão difícil foi fazer a lista de convidados, mas aqui estamos nós. Com várias pessoas se espremendo nos bancos da igrejinha que mamãe adora só para que eu possa me casar com Levi.

O caminho até Levi é pequeno, mas sinto que durou uma eternidade. Meu pai entrega minha mão a ele recebendo um sorriso cheio de gratidão em troca. Levi é grato por eu amá-lo e sinto-me igual.

— Irmãos e irmãs, estamos aqui reunidos para celebrar a união de Levi Costa e Lia Carneiro. O amor meus irmãos, é algo sublime. Não o escolhemos, somos escolhidos por ele. E Lia e Levi foram escolhidos para viver um amor puro e único. Levi, aceita casar-se com Lia Carneiro para amar e respeitar, ser fiel, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza até que a morte os separe?

— Sim, padre.

— Lia Carneiro, aceita casar-se com Levi prometendo amar e respeitar, ser fiel, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza até que a morte os separe? — pergunta.

— Sim, padre.

— Há alguém que se oponha a esse casamento? — questiona a igreja

e ouço Otto chorar. — Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar sua esposa, Levi.

Viro-me para meu marido e sorrio.

— Antes, gostaria de dizer que a amo mais hoje do que te amei ontem. E amanhã irei amar mais do que hoje e assim será todos os dias porque tive a sorte de ser escolhido por você. Você foi o golpe mais bonito que eu já dei. Agradeço a Deus todos os dias por ter entrado na livraria naquele dia, agradeço por ter aceitado sair comigo. Eu te amo.

— Beije-me longo, doutor. — falo e ele sorri.

O beijo suave me faz suspirar. Amo Levi com todo meu coração, amo Levi com minha alma.

— Obrigada por ser o golpista mais amoroso, dedicado e lindo que conheço. Pode roubar meu coração todos os dias.

— Pronta para mais um golpe? — pergunta me fazendo sorri.

— Se isso significa que iremos pular a festa e fugir para nossa lua de mel, estou mais do que pronta.

Levi pega minha mão e caminha para fora da igreja comigo. A festa no salão segue animada, mas totalmente do nosso jeito. Quando a música que pedi começa a tocar, Levi me leva para o meio do salão cheio de luzes e flores. Segurando minha mão, ele me gira e não consigo não sorrir. Que sorte a minha o ter encontrado.

Sou puxada para os braços do homem que amo.

— Lindo, carinhoso e meu. Que golpe você me deu. — brinco.

— O golpe mais bonito que poderia receber. — fala sorrindo.

— É, nunca pensei que o receberia, sou grata por tê-lo recebido.

A risada gostosa de Levi me faz sorrir. Ele me rodopia mais uma vez e começa a cantar:

*Amo tanto a tua voz
Igualmente o teu sorriso, amor
E pra minha sorte você fala sorrindo
Meu mundo gira até menos veloz
Pra eu te admirar e ver você em nós
De fato, puro destino.
Eu descobri ao te ouvir
Que você é a música mais linda que eu já senti
Eu te encontrei
E percebi que você era tudo que faltava em mim
E agora eu entendi
Porque não deu certo com ninguém até aqui
Tão particular quanto nós dois
Todos os detalhes e razões
Que me fazem chamar o teu abraço de abrigo
Não é pra me gabar ou coisa assim
Mas só pra te contar o quanto eu sou feliz
Que sorte ter você comigo
Eu descobri ao te ouvir
Que você é a música mais linda que eu já senti*

*Eu te encontrei
E percebi que você era tudo que faltava em mim
E agora eu entendi
Porque não deu certo com ninguém até aqui*[\[1\]](#)

Continuamos rodopiando, sorrindo e nos beijando enquanto minha música favorita toca para nós. O amor chegou em minha vida totalmente por acaso, mas ele permaneceu graças as escolhas que Levi e eu fizemos. Nosso pequeno golpe está cochilando quando caminhamos até meus pais, agradecendo por olharem nosso bem mais precioso.

Juntos, pegamos um Otto totalmente adormecido e embarcamos para nosso destino preferido. A felicidade.



Agradecimentos

Se você chegou até aqui, muito obrigada!

Sempre estarei grata pela oportunidade de conhecerem as histórias que habitam minha mente. Espero que todos tenham gostado e que possamos nos encontrar em breve em outra aventura.

Denilia, obrigada por mesmo sem querer me dar o nome da personagem mais louquinha que já escrevi.

Gratidão.



Outros Romances da Autora:

<https://amzn.to/36bLX0F>

ROMANCES ANNE K SILVA

